



C A P Í T U L O 3

UMA EXPERIÊNCIA MAOÍSTA FRANCESA NO BRASIL. INVESTIGAÇÃO DE ROBERT LINHART SOBRE OS TRABALHADORES CANAVIEIROS EM PERNAMBUCO

Marcelo Hoffman

Marcelo Hoffman é professor no Departamento de Ciência Política da Universidade Pace em Nova York. É autor de três livros: *Foucault in Brazil: Dictatorship, Resistance, and Solidarity* (University of Pittsburgh Press, 2024), *Militant Acts: The Role of Investigations in Radical Political Struggles* (State University of New York Press, 2019) e *Foucault and Power: The Influence of Political Engagement on Theories of Power* (Bloomsbury, 2014).

INTRODUÇÃO

Robert Linhart é uma expoente figura na história do maoísmo francês. Um dos mais distintos alunos de Louis Althusser na École Normale Supérieure, Linhart fundou a União da Juventude Comunista Marxista-Leninista (UJXML). A UJXML foi uma organização maoísta determinada a estabelecer contato com as massas para construir um partido autenticamente revolucionário. Ela tentou cumprir seu objetivo no verão de 1967 por meio da prática da *enquête* (investigação) entre trabalhadores e camponeses. A UJXML então procurou intensificar e aprofundar seu contato com as massas por meio de uma mudança de ênfase para o *établissement*, como prática muito mais imersiva de colocar militantes para trabalhar nas fábricas a fim de organizar os trabalhadores². A UJXML se desfez no verão de 1968 sob o peso das interpretações conflitantes dos eventos de maio de 1968, bem como a proscrição estadual direta, mas as práticas de investigação e *établissement* persistiram entre outros grupos maoístas na França³. O próprio Linhart serviu como um *établi* (um militante que aceita a prática de *établissement*) na fábrica automobilística Citroën em Porte de Choisy entre setembro de 1968 e julho de 1969. Lá ele ganhou destaque pelo profundo e comovente relato de suas experiências reveladoras e desafiadoras. Publicado apropriadamente como *L'établi* em 1978 e traduzido como *The Assembly*

¹ Texto originalmente publicado como *A French Maoist Experience in Brazil. Robert Linhart's Investigation of Sugarcane Workers in Pernambuco*, *Cahiers du GRM* [Online], 16 | 2020, Online since 07 July 2020, connection on 07 December 2022. URL: <http://journals.openedition.org/grm/2162>; DOI: <https://doi.org/10.4000/grm.2162>. A tradução para a língua portuguesa foi realizada por Helena Araújo Lúcio Almeida.

² SMITH, 2013; LE DANTEC, 2015, p. 20.

³ WOLIN, 2010, p. 134-37.

Line em 1981, o livro de memórias de Linhart faz parte de uma sequência de livros publicados entre 1976 e 1980⁴. O primeiro livro de Linhart, *Lénine, les paysans, Taylor (Lenin, os camponeses, Taylor)*, foi publicado em 1976⁵. É uma exploração crítica das políticas agrárias e da organização taylorista do trabalho industrial instituídas por Lenin e pelos bolcheviques após a Revolução de Outubro de 1917 na Rússia. Seu último livro, *Le sucre et la faim. Enquête dans les régions sucrières du nord-est brésilien (Açúcar e fome. Investigação nas regiões açucareiras do Nordeste brasileiro)* foi publicado em 1980⁶. É um curto relato de suas investigações sobre os trabalhadores de cana-de-açúcar no Estado de Pernambuco, no Brasil, em 1979. No seu prefácio à edição de 2010 de *Lénine, les paysans, Taylor*, Linhart sintetizou os temas de todos os seus livros. “De certa forma”, escreveu ele, “poderia-se dizer que esses diferentes livros se complementam e constituem um conjunto: trata do sistema Taylor, do movimento camponês, da resistência à exploração”⁷.

Quero explorar a contribuição menos conhecida de Linhart para este conjunto no mundo anglófono, nomeadamente *Le sucre et la faim*⁸. A exploração dos detalhes deste relato não se resume simplesmente a abordar uma contribuição grosseiramente negligenciada e subestimada. Ela também tem implicações profundas para as interpretações das histórias sobrepostas do maoísmo francês e da investigação militante. A primeira coisa a ser observada sobre o livro de Linhart é seu longo subtítulo. Ele carrega o nome de uma prática que marcou profundamente a experiência do maoísmo francês. Essa palavra é, claro, investigação. A simples presença dessa palavra no título completo de um livro escrito pelo ex-líder de um grupo maoísta responsável pela inauguração da prática da investigação entre os maoístas franceses é notável. Isso sugere a possibilidade de uma fidelidade persistente à investigação maoísta. Mas uma consideração do livro de Linhart como a narração da realização de uma investigação maoísta esbarra em um problema elementar. Linhart não enquadrou sua investigação no Brasil como uma empreitada maoísta. Ele mal mencionou seu maoísmo. Linhart optou, em vez disso, pela autoidentificação muito mais branda de “jornalista francês”⁹. No entanto, se arranharmos a superfície de sua narrativa e a situarmos dentro de um contexto muito mais amplo da história do maoísmo na França e na China, bem como da história geral da investigação militante, a investigação de Linhart no Brasil nos aparece como inequivocamente maoísta em seu método, foco social, estilo e desejo animador.

⁴ LINHART, 1978; LINHART, 1981.

⁵ LINHART, 2010. Salvo indicação em contrário, todas as traduções do francês para o inglês são do autor.

⁶ LINHART, 2003.

⁷ LINHART, op. cit., p. 8.

⁸ *Le sucre et la faim* continua sem tradução para o inglês, e não tenho conhecimento de nenhum engajamento consistente com seu conteúdo na língua inglesa. *Lénine, les paysans, Taylor* também permanece sem tradução para o inglês, mas foi objeto de ao menos uma interpretação esclarecedora para o leitor de língua inglesa. Vide SMITH, op. cit.

⁹ LINHART, 2003, p. 31-32.

Por que uma narrativa curta sobre uma investigação relativamente obscura realizada há pouco mais de quatro décadas no interior de Pernambuco mereceria nossa atenção hoje? Por que importaria que Linhart tenha realizado uma investigação maoísta? Incertezas e ansiedades sobre o crescimento econômico da China nas últimas décadas facilitaram o ressurgimento do interesse pela jornada global do maoísmo. O recém-publicado e amplamente aclamado livro de Julia Lovell, *Maoism: A Global History*, narra essa jornada em detalhes elaborados¹⁰. Ela sugere que o maoísmo percorreu o globo ao se conectar com queixas e aspirações locais, especialmente após a divisão sino-soviética. No entanto, apesar de sua proposta de uma conceituação promissora do maoísmo como um conjunto de fenômenos contraditórios, Lovell tende a diluir a complexidade do maoísmo ao se concentrar excessivamente em suas práticas e legados violentos. A narrativa de Linhart sobre sua investigação maoísta francesa no Brasil nos oferece uma perspectiva muito diferente sobre a jornada global do maoísmo. Sua narrativa diz respeito à realização de uma prática que buscava produzir um conhecimento das possibilidades políticas, em vez da realização de objetivos políticos por meio da imposição de violência. Assim, a narrativa de Linhart age como um contrapeso à análise de Lovell. O que obtemos dela é uma maior dose de nuance nas análises sobre a jornada global do maoísmo. O deslocamento da investigação maoísta de Linhart da França para o Brasil também lança uma nova luz sobre as histórias e geografias intersetadas do maoísmo francês e da investigação militante. Quando Linhart realizou sua investigação maoísta no Brasil, em 1979, a ascensão de forças mais liberais, opostas ao marxismo, já estava em pleno andamento na França¹¹. A ampla guinada para o liberalismo e o afastamento da revolução minaram o radicalismo que havia facilitado a implementação da investigação militante dentro e fora do maoísmo francês. No entanto, esses desenvolvimentos não impediram Linhart de ressuscitar uma investigação maoísta em outro contexto nacional. Ele reativou essa forma de investigação no Brasil, muito tempo depois de o maoísmo e a investigação militante terem atingido o auge de sua popularidade na França, no início dos anos 1970. Linhart, assim, contribui para um novo enquadramento dos parâmetros espaciais e temporais do maoísmo francês e da investigação militante. Finalmente, sua narrativa nos permite expandir as maneiras de pensar sobre o que caracteriza uma investigação com um caráter militante. Linhart nos sensibiliza para a importância da imaginação e da memória na revelação e no cultivo do desejo de revolução no próprio processo de uma investigação militante.

¹⁰ LOVELL, 2019.

¹¹ Para uma visão geral da ascensão dessas forças no contexto de um estudo da influência do maoísmo nos intelectuais franceses, vide WOLIN, *op. cit.*, p. 342-49.

UMA INVESTIGAÇÃO MAOÍSTA NO INTERIOR DE PERNAMBUCO

Linhart realizou sua investigação no interior de Pernambuco durante um período de duas semanas, no final de setembro de 1979. A ocasião imediata para sua visita ao Brasil foi o retorno do ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, ao país após mais de uma década de exílio. Linhart acompanhou Arraes na viagem de Paris a Recife¹². Pouco depois de sua chegada a Recife, Linhart foi diretamente a uma cidade com o pseudônimo de Princesa do Planalto¹³. Com base nos detalhes geográficos de sua narrativa, essa cidade parece ter sido Timbaúba, no interior de Pernambuco¹⁴. Linhart então retornou a Recife¹⁵. De lá, ele foi para a porção sul da zona da mata e uma parte a oeste de Pernambuco, antes de seguir para uma cidade com o pseudônimo de uma única letra "N" e o engenho de açúcar Galileia¹⁶.

As atividades de Linhart durante sua jornada pelo interior de Pernambuco certamente corresponderam à importante referência à investigação no subtítulo de seu livro. Essas atividades consistiram principalmente em fazer perguntas a outras pessoas em seus espaços de habitação e trabalho, a fim de obter suas respostas. Linhart então usou as respostas para construir sua narrativa. Quando questionado sobre o propósito de sua presença nas plantações de açúcar de Pernambuco, Linhart se apresentou como um jornalista francês. No entanto, ele se identificou assim apenas diante de perguntas hostis ou problemas potenciais¹⁷. Linhart nunca adotou proativamente a identidade de jornalista francês fora dessas circunstâncias em sua narrativa. Seu livro também não indica quaisquer jornais ou revistas onde seu conteúdo tenha sido publicado anteriormente. Portanto, parece que a autoidentificação de Linhart como jornalista francês serviu apenas como um disfarce. Havia certamente boas razões para manter esse disfarce, em vez de realizar uma investigação abertamente maoísta. A ditadura militar no Brasil havia eliminado brutalmente guerrilheiros maoístas na bacia do rio Araguaia apenas alguns anos antes¹⁸. O rótulo de jornalista estrangeiro tinha a vantagem de permitir que Linhart acessasse mais facilmente os espaços e manobrasse através do espectro social em Pernambuco sem despertar suspeitas de subversão, o que poderia até se estender aos seus colaboradores e entrevistados.

¹² LINHART, 2003, p. 8-9.

¹³ Ibid., p. 13-40.

¹⁴ Ibid., p. 13-14. Sua descrição da geografia da Princesa Serrana como três colinas na parte norte do que é conhecido como a zona da mata (uma área de plantações de açúcar que já foi uma densa Mata Atlântica) corresponde à cidade de Timbaúba. Princesa Serrana (Highland Princess) também é um nome associado a Timbaúba.

¹⁵ Ibid., p. 41-44.

¹⁶ Ibid., p. 46-93.

¹⁷ Ibid., p. 31-32, 65, 73.

¹⁸ GASPARI, 2014, p. 407-73.

Também é importante lembrar que Linhart não estava conduzindo sua investigação sozinho. Ele contou com o apoio de pelo menos dois brasileiros, um estudante chamado Reynaldo e um assessor sindical chamado Antônio¹⁹. Se as circunstâncias políticas forçaram Linhart a adotar a aparência de um *outsider* imparcial, Antônio e Reynaldo não foram tão reservados quanto às suas orientações políticas. Em um episódio, Reynaldo se afastou do formato de perguntas e respostas da investigação para implorar a três trabalhadores rurais que se organizassem²⁰. Em outro episódio, Antônio levou Linhart a uma favela para distribuir panfletos e incentivar os moradores a votar a favor de uma greve geral em uma próxima reunião sindical. O impulso político por trás da investigação de Linhart também se tornou claro no desenrolar de sua narrativa. O que inicialmente chamou sua atenção foi a aparente ausência de qualquer mobilização política por parte da oposição no Nordeste, em um momento em que outras regiões do Brasil viviam uma onda de “greves e manifestações”²¹. Linhart considerou essa situação peculiar devido à extrema pobreza do Nordeste e à sua rica história de mobilizações camponesas anteriores ao estabelecimento da ditadura militar em 1964. Ele iniciou uma investigação para explorar as possibilidades do ressurgimento do movimento camponês justamente quando uma crise econômica prolongada minava a percepção de legitimidade da ditadura entre seus apoiadores mais fervorosos.

A decisão de Linhart de iniciar uma investigação em um espaço ostensivamente pacificado certamente não foi sem precedentes na história das investigações militantes. O editor fundador da *Quaderni Rossi*, Raniero Panzieri, havia incentivado os colaboradores da revista a realizar enquetes operárias em uma grande fábrica da FIAT em Turim, no início dos anos 1960, justamente porque essa fábrica não havia experimentado os tipos de intensas lutas entre trabalhadores que ocorreram em outras fábricas de automóveis na Itália. Panzieri queria explorar se a força de trabalho da FIAT abrigava as possibilidades de uma orientação mais antagonista sob a superfície da paz social²². Como Andrea Cavazzini esclarece, não foi a luta política, mas sim a própria falta dela, que serviu como motivação para o apelo de Panzieri para realizar enquetes operárias na fábrica da FIAT em Turim²³.

A justificativa amplamente similar de Linhart para sua investigação em Pernambuco a aproximou da tradição das enquetes operárias. Seu foco nas condições e lutas dos trabalhadores da cana-de-açúcar também se encaixava perfeitamente dentro dessa tradição²⁴. No entanto, aqui devemos traçar uma distinção que reflete

¹⁹ LINHART, 2003, p. 13, 65.

²⁰ Ibid., p. 18.

²¹ Ibid., p. 8.

²² WOODCOCK, 2014, p. 493-513.

²³ CAVAZZINI, A., 2013, p. 109.

²⁴ Em um esforço para interpretar «*A Workers’Inquiry*» de Karl Marx, de 1880, como uma síntese de sua teoria e trazer elementos dela à tona no contexto dos trabalhadores da cana-de-açúcar no Brasil, vide ALVES; JACKSON FILHO, 2017, p. 13-31.

uma divisão maior dentro da história das investigações militantes. Linhart realizou uma investigação especificamente maoista, e não uma enquete operária (pelo menos no sentido estrito)²⁵. Suas atividades em Pernambuco possuíam as características de uma investigação maoista de várias maneiras.

Em primeiro lugar, Linhart não restringiu suas questões a integrantes de uma classe social específica, embora o conteúdo de suas perguntas tenha consistentemente abordado as condições e lutas dos trabalhadores da cana-de-açúcar. Sua investigação, portanto, não foi uma “enquete operária” no sentido estrito de uma prática baseada em perguntas direcionadas exclusivamente aos trabalhadores com o objetivo de gerar efeitos políticos entre eles. Assim como no caso da abordagem de Mao para as investigações, Linhart buscou compreender a totalidade social por meio de perguntas feitas a indivíduos e grupos de diversos espectros sociais, políticos, profissionais e geracionais. Para esse fim, ele fez perguntas a crianças, trabalhadores diaristas de diversas origens raciais (incluindo um que havia sido internado em um hospital psiquiátrico), a um camponês que acabara de perder seu bebê para a diarreia, a um cabeleireiro, administradores e membros de sindicatos de trabalhadores rurais, a um idoso fundador das Ligas Camponesas, a um deputado do estado do Acre, a um professor especializado em nutrição, a um capataz e a proprietários de fábricas. Linhart, aqui, seguiu implicitamente Mao ao tentar compreender a totalidade social por meio de uma investigação para revelar as possibilidades de contestar essa totalidade. As respostas às suas perguntas foram tão variadas quanto as pessoas que as ofereceram. Elas abordaram as memórias de Arraes entre os trabalhadores da cana-de-açúcar, os custos de filiação aos sindicatos de trabalhadores rurais, os dias de folga, a duração da jornada de trabalho, a apropriação de lotes de terra usados pelas famílias de trabalhadores da cana para jardinagem (roçados), a urbanização, o uso do trabalho infantil nas plantações de açúcar, o impacto da inflação sobre os salários, o analfabetismo e a deseabilidade das greves. Talvez tão importantes quanto as respostas verbalizadas às perguntas de Linhart fossem seus encontros físicos com pessoas que, implicitamente ou explicitamente, transmitiram a experiência da fome²⁶. Essas respostas e encontros alimentaram uma imagem composta da relação entre o açúcar e a fome no Nordeste do Brasil. Linhart percebeu, de repente, que a produção de açúcar gera fome. Nas suas palavras:

À medida que recolhia depoimentos e informações, a fome me apareceu com uma clareza terrível, como o produto e a materialização de um aparato complicado, até sofisticado. A fome não era simplesmente a ausência espetacular, quase incidental, de alimentos disponíveis, como nos é apresentada quando querem que acreditemos que movimentos de caridade, “ajuda emergencial” seriam suficientes para saciá-la.

²⁵ Quanto à divisão entre a investigação maoista e a enquete operária dentro da história das investigações militantes, vide HOFFMAN, 2019, p. 11, 69-70. Surpreendentemente, os maoístas franceses não parecem ter sido influenciados, ou sequer estavam cientes da tradição quase contemporânea da investigação operária entre os operários italianos, e estes não parecem ter sido explicitamente influenciados pela prática e teorização da investigação de Mao.

²⁶ LINHART, 2003, p. 11, 52-53.

A fome no Nordeste era uma parte essencial do que o regime militar chamava de “desenvolvimento” do Brasil. Não era uma fome simples, uma fome primordial. Era uma fome elaborada, uma fome aperfeiçoada, uma fome crescente, em uma palavra, uma fome moderna. Eu a vi avançar em ondas, chamadas planos econômicos, projetos de desenvolvimento, polos industriais, incentivos ao investimento, mecanização e modernização da agricultura. Foi necessário muito trabalho para produzir essa fome²⁷.

De maneira tipicamente maoísta, Linhart não se contentou com essa lição sobre as condições objetivas no Nordeste do Brasil. Ele também investigou as condições subjetivas para a mobilização política na região. Linhart detectou sinais de um ressurgimento do movimento camponês na experiência de testemunhar um voto a favor de uma greve geral entre os trabalhadores da cana-de-açúcar. O voto, na verdade, não resultou na greve, pois os sindicatos conseguiram negociar um acordo com os patrões antes da data marcada para a greve²⁸. Ainda assim, Linhart interpretou a manifesta disposição dos trabalhadores rurais para fazer greve como um reflexo de sua determinação em adotar uma postura oposicionista mais vigorosa²⁹. Por essa razão, ele concluiu sua narrativa com a seguinte observação cautelosamente esperançosa:

No auge do terror, uma resistência foi mantida no campesinato brasileiro. Agora que a pressão social e a crise econômica enfraqueceram a ditadura, podemos discernir suas características. É como um estado de crepúsculo, uma manhã ainda pálida. Uma paisagem emerge de uma noite muito escura e muito longa. Podemos ver formas que acreditávamos ter sido apagadas. Tudo estava, portanto, ali, em movimento na obscuridade, ignorado. Um dia, saberemos³⁰.

Essas palavras profundamente evocativas sugerem que a investigação de Linhart foi um exercício de discernimento de forças e possibilidades políticas anteriormente obscuras.

Em segundo lugar, o foco predominante de sua investigação estava nas condições e lutas dos camponeses, em particular. Esse foco estava perfeitamente alinhado com o maoísmo, tanto em sua forma original quanto em suas subsequentes iterações na França. É claro que a famosa investigação de Mao sobre o movimento camponês em Hunan, em janeiro e fevereiro de 1927, levou-o a destacar a importância política do campesinato em oposição à ênfase mais ortodoxa marxista no proletariado industrial dentro do Partido Comunista Chinês (PCC)³¹. Ele concluiu que a esmagadora

²⁷ Ibid., p. 53. O profundo impacto da investigação de Linhart sobre sua própria reflexão a respeito da fome é ainda mais notável quando se considera que a fome não era um tema novo para ele. Em *Lénine, les paysans, Taylor*, Linhart havia explorado as implicações políticas da fome na União Soviética pouco após a Revolução Russa de outubro de 1917. Esse livro contém até mesmo um capítulo inteiro intitulado “Fome”. No entanto, a ênfase em *Lénine, les paysans, Taylor* não está tanto na produção da fome, mas sim na forma como a ameaça de uma fome precipitou uma guinada autoritária (por meio da coleta forçada de trigo e da organização taylorista do trabalho na indústria ferroviária) nos primeiros anos da União Soviética. Vide LINHART, 2010, especialmente, p. 45-65, 149-50, 161.

²⁸ LINHART, 2003, p. 84.

²⁹ Ibid., p. 85.

³⁰ Ibid., p. 93.

³¹ MAO, 1971, p. 23-39 Para uma discussão detalhada sobre como a ênfase no campesinato no relatório de Mao em Hunan desafiou a ortodoxia marxista dentro do Partido Comunista Chinês, vide KARL, 2010, p. 29-32.

predominância de camponeses pobres na China, combinada com sua destituição material, os tornava absolutamente cruciais para a realização de uma revolução comunista³². Mao também ficou profundamente impressionado tanto com a explosão de energia violenta que o movimento camponês desencadeou contra os proprietários de terras quanto com a inversão abrupta da ordem social estabelecida após as revoltas camponesas³³. Para Mao, o campesinato na China representava uma classe subestimada que poderia insuflar vida à revolução. A situação, sem dúvida, era diferente no contexto muito mais industrializado e urbanizado da França no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, mas, mesmo ali, maoístas de diferentes vertentes ressuscitaram investigações focadas nos camponeses para explorar as possibilidades de construir uma aliança entre a classe trabalhadora e o campesinato³⁴. As circunstâncias políticas em Pernambuco ditavam um tom mais moderado sobre o campesinato. Linhart não o abordou explicitamente como uma força para uma revolução no futuro próximo ou como um aliado da classe trabalhadora na transição para o socialismo. Ele tratou o campesinato, ao invés disso, como uma força emergente carregada de possibilidades de resistência à ditadura e às hierarquias sociais no Brasil.

Em terceiro lugar, há expressões no livro de Linhart que facilmente remetem a algumas expressões do relatório de Mao sobre sua investigação do movimento camponês em Hunan. Mao havia transmitido seu assombro com o que aprendera com outros durante sua investigação ali. Nas palavras do parágrafo de abertura do relatório de Mao: “Vi e ouvi muitas coisas estranhas das quais até então não tinha conhecimento”³⁵. Mais de cinquenta anos depois, Linhart apresentou uma formulação surpreendentemente semelhante na seção de abertura de seu livro. “Quando cheguei em Recife”, recordou ele, “aproveitei a primeira oportunidade que surgiu para ir ao interior da zona produtora de açúcar. O que vi lá me chocou”³⁶. A proximidade estilística de Linhart com Mao, à luz de sua experiência nas plantações de açúcar de Pernambuco, não é surpreendente. Linhart possuía um conhecimento demonstrável das intrincadas nuances do relatório de Mao sobre o movimento camponês em Hunan³⁷.

Por fim, Linhart reforça a impressão de que sua investigação no Brasil teve uma derivação maoísta ao lembrar brevemente os leitores de um episódio importante de seu passado. Em agosto de 1967, Linhart e um pequeno grupo de outros membros

³² MAO, 1971, p. 35.

³³ Ibid., p. 25-31.

³⁴ Para uma narrativa rica das investigações e outras atividades de um grupo maoísta na França cofundado por Alain Badiou, vide *Grupo para a fundação da União dos comunistas da França marxista-leninista*, in BADIOU, 1976.

³⁵ MAO, 1971, p. 23.

³⁶ LINHART, 2003, p. 9, grifos meus.

³⁷ LINHART, 2010, p. 41-43, 70. Linhart cita o relatório de Mao sobre o movimento camponês em Hunan em duas ocasiões em seu livro anterior sobre Lênin. Ele utiliza trechos do relatório na sua elaboração da postura positiva de Lenin em relação às insurreições camponesas e na sua crítica ao ódio ao campesinato entre os intelectuais após a Revolução Russa.

da UJCLM participaram do que parece ter sido uma viagem altamente idealizada à China revolucionária³⁸. Linhart relata ter pensado sobre sua visita a uma “comuna popular” na China durante sua visita ao engenho Galileia, no Brasil, ao final de sua investigação³⁹. O que despertou a memória de sua visita à China foi o significado histórico e político do engenho. Em 1959, um movimento de camponeses despejados conhecido como as Ligas Camponesas conseguiu a apropriação do engenho e a distribuição de suas terras aos camponeses. O sucesso das Ligas Camponesas inspirou outros camponeses a se organizarem em torno da demanda pela expropriação das plantações. As Ligas Camponesas prosperaram com o apoio de Arraes até que a ditadura dizimou o movimento nos meses que se seguiram ao *coup d'état* de 1964⁴⁰.

O que é notável sobre a visita de Linhart à Galileia é que ele de repente a utiliza como uma oportunidade para imaginar como o local seria se o Brasil tivesse passado por uma revolução. Em suas palavras:

Se uma revolução popular tivesse vencido no Brasil, Galileia hoje seria um lugar importante que delegações de todas as regiões do Brasil e de todos os países do mundo visitariam, onde bandeiras tremulariam e canções revolucionárias reverberariam, onde imagens e lendas tomariam forma⁴¹.

Há muito acontecendo nessa breve, mas evocativa passagem. A descrição de Linhart sobre sua própria imaginação a respeito de Galiléia subitamente revela um desejo que confere força e lógica a toda a sua narrativa. Pode-se perceber facilmente que ele desejava um Brasil que se assemelhasse à China revolucionária, mesmo reconhecendo que, na realidade, o país era exatamente o oposto da China revolucionária⁴². Assim, não é de se admirar que pelo menos algumas das expressões de Linhart remetam às expressões de Mao. Também não é coincidência que Linhart tenha ressuscitado uma investigação distintamente maoísta centrada na figura do camponês. Ele estava projetando um desejo por uma China revolucionária no Brasil rural. No entanto, podemos nos perguntar por que ele escolheu o Brasil como o espaço nacional para essa projeção. Por que não continuar simplesmente a imaginar uma China revolucionária no campo francês? Uma razão básica para o deslocamento do desejo de Linhart pela China revolucionária está, sem dúvida, relacionada ao clima político na França. Linhart iniciou sua investigação em Pernambuco em um momento em que o clima político e intelectual liberal na França desencorajava (no mínimo) qualquer fidelidade às práticas maoístas.

De certa forma, no entanto, não deveríamos nos surpreender que Linhart tenha realizado uma investigação especificamente maoísta no Brasil. Afinal, ele foi uma figura fundadora do movimento maoísta na França, e o maoísmo continuou a

³⁸ WOLIN, 2010, p. 122-25.

³⁹ LINHART, 2003, p. 91.

⁴⁰ SCHEPER-HUGHES, 1992, p. 46-49.

⁴¹ LINHART, 2003, p. 91.

⁴² Ibid.

deixar uma marca profunda em suas análises. Em *Lénine, les paysans, Taylor*, Linhart utilizou métodos e conceitos maoístas, bem como a experiência geral da China revolucionária, para avaliar as políticas econômicas de Lenin e dos bolcheviques logo após a revolução de Outubro de 1917⁴³. No entanto, como enfatizado na introdução, o maoísmo de Linhart permaneceu moderado no Brasil por razões políticas. Portanto, foi necessário desentranhar os fundamentos maoístas de sua investigação naquele contexto.

RUMO A UMA COMPREENSÃO MAIS ROBUSTA DO MAOÍSMO FRANCÊS E DA INVESTIGAÇÃO MILITANTE

O que ganhamos ao desentranhar esses fundamentos? A narrativa de Linhart sobre sua investigação no Brasil nos permite apreciar a complexidade da trajetória global do maoísmo. Para ser mais preciso (e um pouco mais polêmico), sua narrativa oferece um contrapeso oportuno à análise apresentada no novo livro de Lovell, *Maoism: A Global History*⁴⁴. O que é significativo em seu livro é a ambição de constituir uma história do maoísmo como um fenômeno global, com enormes repercussões para as interpretações da Guerra Fria e os desdobramentos do presente. As referências de Lovell a uma compreensão do maoísmo como um conjunto de fenômenos contraditórios também são extremamente fecundas para a exploração das experiências maoístas. O problema central é que ela não se mantém fiel a essa compreensão. Lovell tende a reduzir a história global do maoísmo a pouco mais que uma narrativa unidimensional e quase sensacionalista, caracterizando a transformação de queixas locais pelos maoístas em fanatismo, manipulação, grosseira hipocrisia e níveis exponenciais de violência. Por outro lado, a narrativa de Linhart sobre sua investigação em Pernambuco nos lembra que o maoísmo global continha uma veia muito mais delicada e experimental. O maoísmo que Linhart praticou no Pernambuco rural era, acima de tudo, sobre a exploração de possibilidades políticas por meio de uma produção de conhecimento fundamentada em interações sociais, na forma de troca de perguntas e respostas, bem como em encontros físicos.

A narrativa de Linhart também nos obriga a refinar nossa compreensão dos parâmetros espaciais e temporais das experiências interseccionais do maoísmo francês e da investigação militante. Ele projetou uma prática de investigação no Brasil rural. Essa prática havia ganhado popularidade na França no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, após ter se originado com Mao na China nos anos 1920. Os próprios maoístas franceses expandiram os limites da investigação dentro da França ao levá-la além da figura do operário no espaço institucional da fábrica. Inspirados por Mao, esses maoístas conduziram investigações sobre o campesinato no interior francês. Linhart, por sua vez, realizou mais uma extensão espacial dessa

⁴³ LINHART, 2010, p. 24, 41-43, 70, 75, 77, 91, 96, 102, 133, 175, 196, 199, 209, 213.

⁴⁴ LOVELL, 2019.

prática ao deslocá-la para o campo brasileiro. No entanto, ele o fez após a ascensão de forças políticas e intelectuais liberais na França em meados da década de 1970. Essas forças precipitaram um declínio no radicalismo que havia nutrido a circulação da investigação militante dentro e fora da experiência maoista francesa. Em uma entrevista reveladora com Cavazzini, Yves Duroux nos lembra que Linhart tentou reviver a investigação maoista durante esse período. Em suas palavras:

Alguns tentaram retomá-la [a investigação] depois, especialmente Linhart. Eu sei por que também participei disso. Tentamos encontrar novos estilos de investigação nas fábricas. No final, investigações mais tradicionais em aparência, mas com um protocolo de investigação muito elaborado. Isso deu origem a duas ou três coisas. Mas, em '80, tudo parou⁴⁵.

À luz da observação de Duroux, não podemos deixar de nos perguntar se as decepções com os “novos estilos de investigação” nas fábricas levaram Linhart a praticar a investigação no campo brasileiro. Seja qual for o caso, a narrativa de Linhart sobre sua investigação no Brasil sugere que a investigação maoista não simplesmente desapareceu após a implosão do maoísmo francês em meados dos anos 1970 e o pico de popularidade da investigação militante na França no início dos anos 1970. Ela sobreviveu a esses momentos dentro e fora da França.

Linhart não viu razão para abandonar a investigação maoista, especialmente em uma região do Brasil marcada por uma rica história de mobilizações camponesas. Abandonar simplesmente a investigação maoista seria equivalente a sucumbir às forças políticas anti-marxistas na França no final dos anos 1970. Mas também havia uma razão substancial para reter e expandir a investigação maoista. A apreensão da totalidade social, que está no cerne do método da investigação maoista, carregava a promessa de revelar a possibilidade de um reavivamento do movimento camponês.

Finalmente, os breves momentos de imaginação e memória na narrativa de Linhart sobre sua investigação no Brasil contribuem para uma compreensão mais robusta da prática geral da investigação. Esses momentos sugerem que uma investigação militante não precisa anunciar seus objetivos políticos em plena luz do dia antes de iniciar o trabalho da investigação. Esses objetivos podem ser revelados em momentos de imaginação e memória no desenrolar do processo da investigação. A investigação pode ser impulsionada por um desejo de revolução que habita os interstícios da imaginação e da memória sobre os lugares.

POSFÁCIO: DE VOLTA A TIMBAÚBA

Um detalhe geográfico em *Le sucre et la faim* pode ter passado despercebido na minha leitura do livro se não fosse pela minha própria história pessoal, sendo filho de uma mãe não apenas de Pernambuco, mas também de Timbaúba, em

⁴⁵ DUROUX, 2011, p. 106, colchetes adicionados.

particular. Esse detalhe diz respeito à identidade da cidade onde Linhart iniciou sua investigação no Brasil. Embora ele mantenha o pseudônimo de Princesa do Planalto para a cidade, parece que se tratava de Timbaúba, como indiquei acima. Se esse foi o caso, verifica-se que Linhart não teria sido o último estrangeiro a lançar uma investigação na cidade. A renomada antropóloga americana Nancy Scheper-Hughes realizou uma etnografia sobre a relação entre “o amor materno e a morte infantil”⁴⁶ na favela do Alto do Cruzeiro, na mesma cidade⁴⁷. Ela conduziu sua pesquisa em quatro visitas entre 1982 e 1989⁴⁸. A pesquisa tornou-se a base para o imenso, iluminador e profundamente comovente livro de Scheper-Hughes, *Death Without Weeping: The Violence of Everyday Life in Brazil*. Surpreendentemente, ela não cita *Le Sucre et la faim* em *Death Without Weeping*, mas uma breve comparação dos métodos por trás desses livros nos permite evidenciar os fundamentos militantes da investigação de Linhart em Pernambuco sob outra ótica. Assim como Linhart, Scheper-Hughes contou com colaboradores brasileiros para sua pesquisa e entrevistou indivíduos de diversos espectros sociais em Timbaúba, mas passou muito mais tempo na cidade e já a conhecia de seu trabalho anterior no Alto do Cruzeiro como voluntária do Peace Corps nos anos 1960⁴⁹. Ao contrário de Linhart, Scheper-Hughes também estava em profundo conflito sobre o caráter político de seu empreendimento. Inicialmente, ela conduziu sua pesquisa de forma mais desprendida, na identidade de uma antropóloga que explicitamente resistia a qualquer envolvimento político com os membros da comunidade que estudava. Como Scheper-Hughes se recorda ao explicar aos colaboradores brasileiros que pediram para ela se envolver politicamente: “Meu trabalho é diferente agora. Não posso ser antropóloga e companheira [camarada] ao mesmo tempo”⁵⁰. Ela acrescenta que elaborou suas “reservas sobre a propriedade de um estrangeiro assumir um papel ativo na vida de uma comunidade brasileira”⁵¹. Foi apenas depois que os colaboradores brasileiros de Scheper-Hughes se sentiram indignados com sua falta de envolvimento político (como um sinal mais profundo de uma preocupante falta de reciprocidade) que ela começou a desempenhar o papel duplo de antropóloga e camarada⁵². Por outro lado, Linhart conduziu uma investigação implicitamente, mas de modo distinto, maoísta em Pernambuco. Se ele fingiu a identidade mais imparcial de um jornalista estrangeiro, fez isso apenas para evitar os problemas envolvidos em realizar tão abertamente uma investigação militante nas condições políticas repressivas do Brasil na época. Em outras palavras, não havia conflito entre sua auto apresentação em Pernambuco e as aspirações militantes de sua investigação. E, de forma mais geral, uma investigação militante não surge de uma posição de desapego.

⁴⁶ SCHEPER-HUGHES, 1992.

⁴⁷ Ibid., p. 15.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid., p. 5.

⁵⁰ Ibid., p. 17, colchetes adicionados.

⁵¹ Ibid., p. 17.

⁵² Ibid., p. 18.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Júlio C. L.; JACKSON FILHO, José M. *Trabalho, saúde e formação política na enquete operária de Marx*, *Trabalho, Educação e Saúde*, 15, nº1, 2017, p. 13-31, <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00044>.
- BADIOU, Alain. *Le livre des paysans pauvres: 5 années de travail maoïste dans une campagne française*. Paris: François Maspero, 1976.
- CAVAZZINI, Andrea. *Enquête ouvrière et théorie critique: Enjeux et figures de la centralité ouvrière dans l'Italie des années 1960*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2013.
- DUROUX, Yves. *Sur la question du savoir dans le maoïsme*. In ___. CAVAZZINI, Andrea. *Le sujet et l'étude: Idéologie et savoir dans le discours maoïste suivi de dialogue avec Yves Duroux*, Reims: Le Clou dans le Fer, 2011.
- GASPARI, Elio. *As ilusões armadas. 2. A ditadura escancarada*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- HOFFMAN, Marcelo. *Militant Acts: The Role of Investigations in Radical Political Struggles*. Albany: State University of New York Press, 2019.
- KARL, Rebecca E. *Mao Zedong and China in the Twentieth-Century World*. Durham: Duke University Press, 2010, p. 29-32.
- LE DANTEC, Jean-Pierre. *D'où vient l'établissement?* In ___. *Les Temps Modernes*, n° 684-85, juillet-octobre 2015, p. 20.
- LINHART, Robert. *L'établi*, Paris: Les Éditions de Minuit, 1978.
- LINHART, Robert. *The Assembly Line*. Ttrans. Margaret Crosland. Amherst: University of Massachusetts Press, 1981.
- LINHART, Robert. *Lénine, les paysans, Taylor*. Paris: Seuil, 2010.
- LINHART, Robert. *Le sucre et la faim: Enquête dans les régions sucrières du nord-est brésilien*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.
- LOVELL, Julia. *Maoism: A Global History*. New York: Alfred A. Knopf, 2019.
- MAO TSE-TUNG. *Report on an Investigation of the Peasant Movement*. In ___. *Hunan in Selected Readings from the Works of Mao Tsetung*. Peking: Foreign Languages Press, 1971.

SCHEPER-HUGHES, Nancy, **Death Without Weeping: The Violence of Everyday Life in Brazil**. Berkeley: University of California Press, 1992.

SMITH, Jason E. *From Établissement to Lip: On the Turns Taken by French Maoism*. In ___. **Viewpoint Magazine**, September 25, 2013, <https://www.viewpointmag.com/2013/09/25/frometablissement-to-lip-on-the-turns-taken-by-french-maoism/>.

WOODCOCK, Jamie. The Workers' Inquiry from Trotskyism to Operaismo: A Political Methodology for Investigating the Workplace, *ephemera: theory & politics*. In ___. *organization* 14, nº3, 2014, p. 493-513, <http://www.ephemerajournal.org/sites/default/files/pdfs/contribution/14-3woodcock.pdf>.

WOLIN, Richard. **The Wind from the East: French Intellectuals, the Cultural Revolution, and the Legacy of the 1960s**. Princeton: Princeton University Press, 2010.